

Balugães

BALUGÃES, orago São Martinho, era uma abadia da apresentação da Mitra de Braga por concurso sinodal. *Balugães*, segundo o P.^e António Gomes Pereira, deriva de um genitivo gótico terminado em *anis*, Baluganis ⁽¹⁾.

Pinho Leal ⁽²⁾, quando trata desta freguesia, diz que *Balugães* ou *Balugões* é plural de *baluga*, espécie de borzeguins e assim aqui, pela sua terminação em *ães*, quer dizer terra onde há ou se fazem muitas balugas, borzeguins ou botas altas com atacadores.

Esta freguesia vem nas Inquirições de D. Afonso II, de 1220, com a designação = « De Sancto Martino de Barugaes—in Terra de Aguiar de Ripa Limia».

Nelas se diz que o rei tem aqui um «casale heremum»; que dão vida ao Mordomo, vão ao Castelo e à introviscada; que o rei não é o padroeiro, que esta Igreja tem sesmarias e 6 casais, Carvoeiro 4 casais e uma «quintana» e Palme 2 casais.

Nas Inquirições de D. Afonso III, de 1258, 1.^a Alçada, se diz: « *In Judicato de Aguiar—in parrochia Sancti*

(1) *Tradições Populares*, pdg. 302.

(2) *Port. Ant. e Moderno*, vol. I, pág. 316.

Martinide Barugaes — el Rey non est padrom. Item, dixerunt que os omees desta collatione pectam voz et caomia ai Rey, se a fazem; et vam in anuduva et ao castelo e a intorviscada; et dam senos frangaos por Sancto Johanne de cada fogo, e por Pascua 2 ovos: e dam cada mês vida ao Mayordomo dei Rey cada uno per si de qual vida achar ».

Há nesta freguesia várias Honras por amadigo que mencionam «Et per estes devanditos amadigos non fazem foro ai Rey ».

Aparecem-nos nestas Inquirições nomes de vários lugares, sítios e herdades daqui, tais como: Congusto, erdade da Cal, Gandra, Ribeiro, Barrio, Barugais, Mompirle, Fogiaco, Agro de Nevía, Talioo, Enfesta, Emproa e erdade da Barata. Em uma baixa, no princípio da encosta do monte da Caramona, está a antiquíssima *Igreja Matriz* desta freguesia.

No centro de um pequeno adro, cercado por parede, ergue-se este pequeno templo, que denota muita antiguidade.

Na sna frontaria baixa, modesta e encimada por uma cruz, abre-se uma pequena rosácea, dando entrada a este templo um belo pórtico românico de três arcos sobrepostos, tendo no exterior uma inscrição incompleta e da qual apenas se vêem as seguintes letras == SÁ CRA VITIZ ACCLA.

Atravessa a frontaria em toda a sua largura, por baixo dos arcos do pórtico em que aqueles se apoiam, um belo friso de pedra lindamente lavrado.

Em frente ao pórtico estende-se um alpendre ou ga-lilé, parapeiteado e com assentos de pedra, sustentado por oito colunas com base, fuste e capitel lisos.

Ao lado direito ergue-se da fachada deste templozinho, por cima do telhado, uma pequena e erma sineira e correm nas paredes laterais do corpo da igreja as cornijas sustentadas por filas de cachorros lisos.

A capela-mor e sacristia ao lado direito parecem ser obra mais moderna.

O pavimento da igreja é mais baixo que o adro, descendo-se para ele por dois degraus.

Dentro, este templo é pequeno e baixo. A capela--mor, forrada a madeira pintada com o Ícone do seu Padroeiro ao centro, tem altar moderno em talha simples.

No corpo da igreja, forrado a estuque, há dois altares laterais: o do lado da epístola moderno e o do lado do evangelho em talha antiga.

O púlpito, também em talha de madeira, tem a seguinte inscrição: «MANDOV PINTAR VM DEVOTO ANO DE 1789».

O coro e o baptistério são tão simples que não merecem nota.

É raro exercer-se aqui o culto depois da transferência da matriz para o templo da Aparecida.

Ao lado sul do adro, a facear com a igreja, levanta-se um pequeno torreão para dois sinos e ao lado deste está arrumada no chão uma pedra redonda que devia ter servido de base a um púlpito ou escabelo dos que ainda hoje se vêem em algumas igrejas debaixo do alpendre à entrada da porta principal.

Junto daquele torreão e separada da igreja pelo adro ergue-se a velha e antiquíssima *Residência Paroquial*, quase em ruínas.

Na verga da sua porta principal virada ao adro tem gravado um escudo com as armas dos Almeidas e a seguinte inscrição: «DO P. DALMEIDA Ab 157X».

Em frente à igreja, ao fim de um largo caminho, ergue-se um pequeno *cruzeiro*, que é o paroquial.

Daqui, à margem de uma calçada em direcção ao sul até ao lugar do Calvário, segue-se uma fila de cruzes de pedra, via sacra, estando de pé ainda umas dez.

No sítio da Castanheira, hoje bouça de mato e pinheiros, existiu um outro calvário, pertencente à Capela da Aparecida, do qual apenas se vêem agora as bases das cruzes.

Templo de Nossa Senhora da Aparecida — Este majestoso santuário, erigido em honra de Nossa Senhora, está situado em mais de meia encosta do monte da Caramona, em lugar alto e elevado, donde se disfruta um belo panorama.

Circundado de um adro fechado por parede, a sua grande fachada é amparada por duas possantes e sólidas torres. Por cima de três rasgadas janelas que dão luz ao coro, abre-se no centro um nicho com a imagem de Nossa Senhora.

Por baixo das janelas tem de cada lado uma pedra com sua inscrição.

A primeira, do lado esquerdo, contém os seguintes dizeres: = «TEVE PRINCIPIO ESTA DEVOÇÃO DE NOSSA S" DA APARECIDA NO ANO DE 1704 EM QVE APARECEV AO SIMPLES E MVDO JOÃO O QVAL DESDE ENTÃO COMEÇOV A FALAR PVBLI-CANDO A DITA APARIÇÃO E DAHI SE TOMOV PREZ.* INVOCACÃO—».

A do lado direito diz o seguinte : = « ESTE TEMPLO SE PRINCIPIOV NO ANO DE 1707 E SE ACA-BOV NO ANO DE 1729 COM ESMOLAS DOS FIEIS DEVOTOS E A DONDE ELAS NÃO CHEGARÃO A' CVSTA DO RD. ABADE DESTA FREQVESIA FRANCISCO TEIXEIRA TINOCO.-»

Dentro, na capela-mor, forrada a estuque, eleva-se a majestosa tribuna do altar em rica talha estilo barroco, venerando-se ao centro, no seu camarim, a imagem de Nossa Senhora da Abadia.

Foi ali posta esta imagem para não retirar da sua capelinha a de Nossa Senhora da Aparecida e para assim fazer-se concorrência à Abadia de Bouro muito visitada de romeiros na ocasião da sua festa.

No supedâneo do altar está uma pintura em madeira, representando a ceia de Cristo.

A banquetta é em prata e tinha este templo um formoso candelabro também em prata que foi para o Bom Jesus da Cruz em Barcelos e uma rica capa de asperges que foi para a Sé de Braga.

O corpo da igreja é também forrado a estuque, em forma de abóbada boca de canhão.

Tem dois altares laterais antigos cujos retábulos são no mesmo estilo da tribuna do altar-mor.

Em um destes, no do lado do evangelho, tem a seguinte inscrição: «PINTADOS NO ANNO DE 1911».

Mais abaixo, deste lado, vê-se um outro pequeno altar que ali foi colocado há poucos anos.

O amplo e espaçoso coro é sustentado por um arco abatido; tem púlpito em madeira com talha e pia baptismal em granito com os seguintes dizeres gravados na pedra: «ANNO DE 1927».

É esta a data da mudança da matriz da velha igreja para este templo.

A sacristia é por trás da tribuna do altar-mor para a qual se entra por uma porta e um corredor ao lado da capela-mor.

Em frente e voltada a este templo, separada por um largo terreiro, está a antiga *Capela de Nossa Senhora da Aparecida*.

É esta um edifício pequeno e baixo, ainda que já tenha sofrido obras de ampliação e reforma.

Foi construída esta capela em cima de um penedo onde apareceu Nossa Senhora ao simples e mudo João, que recuperou a fala, segundo reza a inscrição copiada existente na fachada do Santuário.

No camarim do seu único altar venera-se a antiga imagem de Nossa Senhora da Aparecida, das mãos da qual vai uma fita de seda até à escultura do miraculado João, que está fora do altar junto à parede lateral da capela, do lado do evangelho.

É esta capela forrada a estuque e está muito limpa e asseada, vendo-se nas paredes muitos votos e promessas.

Realiza-se aqui todos os anos em Agosto uma das importantes romarias deste concelho, chegando a render o prato a quantia de sete e oito contos!

Nas costas desta capela e por cima do penedo da aparição, foi construída uma pequenina *Capela* onde se venera a imagem *do Senhor dos Passos*.

A devoção do povo para com esta imagem parece porém que é pouca, pois a sua imagem e morada acham--se muito desprezadas.

Entre esta capela e a de Nossa Senhora existe um corredor muito baixo e estreito, cavado no penedo, pelo qual, segundo é crença geral, só pode passar quem estiver em graça.

Atendendo ao nosso grande corpo de pecador não tentamos a experiência; receamos ficar mal perante os nossos companheiros de excursão e ainda mais perante a claviculária da capela que sorridente nos contemplava e parece nos desafiava à prova.

Ao lado direito destas capelas e separadas delas pelo adro vêem-se umas casas de humilde aparência: são as *Casas da Novena*.

Na verga da sua porta de entrada para o adro tem esculpida a seguinte inscrição : = « FEITA PELO ABADE MANOEL EMÍLIO PEREIRA DA CVNHA E DEVOTOS».

Este abade era dos Pereiras da Cunha, de Paredes de Coura, e concorreu para que se fizessem estas casas para nelas se abrigarem os romeiros que daquela terra e doutras distantes vinham fazer as suas novenas a Nossa Senhora.

Junto ao adro do Santuário, do lado esquerdo deste, está o *Cemitério Paroquial*, tendo no seu portão a data 1888. Ao fundo, em frente a este, ergue-se a Capela-Jazigo da família Abreu Novais —1906.

Do adro desce em frente ao Santuário e por trás das capelas um grande escadório, ladeado de pujantes carvalhos, até a uma pseudo estrada que da de Viana do Castelo por Barroelas a Vila Verde vem até aqui.

No lugar de São Bento, no cruzamento das estradas, ergue-se a *Capela de São Bento*.

É um templo pequeno e modesto.

Do lado esquerdo sobrepuja a beirada do telhado uma pequena sineira com seu sino.

Dentro, a capela-mor é forrada a estuque, tendo um único altar com retábulo antigo onde se venera a imagem do seu santo padroeiro.

O arco cruzeiro é em ogival floreado, um mimo de arte.

Devia ter sido este o pórtico da antiga capela antes desta ser acrescentada, o qual ainda conserva os sinais das grades de vedação.

Por baixo deste arco existe, atravessada no pavimento, uma sepultura em cuja tampa se vêem algumas letras. Informam-nos que esta sepultura pertencia à casa da Cancela dos Ponces de Leão.

O corpo desta capela, obra com certeza mais moderna, é forrado a madeira.

Na parede do lado direito corre um coro de ferro e do lado esquerdo vê-se o púlpito também em ferro, obra muito moderna.

Fora, no adro, encostada à capela do lado sul, encontra-se a base de uma cruz de pedra em que se lê o seguinte: «MANDOV FAZER O REV^{do} ABADE FRANCISCO TEIXEIRA TINOCO NO ANNO DE 1727».

A haste e a cruz estão dentro da capela, piedosamente ali recolhidas depois dos iconoclastas de há vinte e tal anos a terem derrubado.

Em uma casa por trás desta capela está um nicho com a imagem da *Senhora da Cabeça*, em pedra, de grande devoção entre este povo.

Esta freguesia está situada a meio da encosta, nascente sul, do monte da Caramona e estende-se ainda pelo fértil vale, que, por não lhe conhecermos outro nome, denominaremos do Neiva.

É banhada pelo rio Neiva e pelo ribeiro Nevoinho que nasce em Cabaços, concelho de Ponte do Lima, e é afluente daquele rio.

Existem nesta freguesia duas pontes: a dos Ferri-nhos, sobre o Nevoinho, e a de Sabariz sobre o Neiva.

Tem as seguintes fontes públicas: a do Focinho, a da Cal, a do Lainho, a das Castanheiras e a de Quinguste.

Esta freguesia é servida pelas estradas de Barcelos a Ponte do Lima e pela de Viana do Castelo por Barroselas a Vila Verde, cruzando-se no lugar de São Bento.

Confronta pelo norte com a freguesia de Poiares e a de Vitorino dos Piães, do concelho de Ponte do Lima, pelo nascente com a dita de Poiares e a de Cossourado, pelo sul com a de Santa Lucrécia de Aguiar e a de Durrães e

pelo poente com a de Carvoeiro, do concelho de Viana do Castelo.

A sua população no século XVII era de 90 vizinhos; no século XVIII era de 64 fogos; no século XIX era de 390 habitantes e actualmente é de 576 habitantes, sendo 252 varões e 324 fêmeas, sabendo ler 65 homens e 35 mulheres, havendo pois 476 analfabetos.

Esta população está distribuída pêlos seguintes lugares habitados: Rua do Monte, Ribeiro, Souto, Pires (das), Eira Vedra, Quinguste, Monte, Castanheira, Aparecida (da), Cancela, São Bento, Focinho, Lagoa, Reguengo, Peneda e Algarès.

As suas casas mais importantes são: a de São Bento, a da Carranca (brasonada), a do Magalhães, a do Ribeiro, a do Souto, a do Machado em Algarès e a da Cancela.

Tem esta freguesia duas lojas de mercearia, uma de ferragens, duas serralharias, duas padarias, Caixa do Correio e Escola mista de um lugar que funciona em edifício arrendado.

Da ilustre casa de São Bento saiu uma plêiade de homens ilustres que marcaram no seu tempo; foram eles o Conselheiro *Dr. José de Abreu do Couto de Amorim Novais* e seus irmãos, *Dr. Luís*, *Dr. Francisco* e *Dr. João*, dos quais tratamos em outras freguesias.

É natural desta freguesia e foi senhor da Casa de São Bento *Manuel Inácio de Amorim Novais*, filho de Luís do Vale Amorim Barbosa e de D. Bernardina Gomes Ferreira de Matos, casado com D. Francisca Gomes de Abreu do Couto, filha de Joaquim Gomes de Abreu do Couto, capitão de cavalaria, da casa de Regalados, e de D. Ana de Sales.

No alto do monte da Caramona, limites desta freguesia e da de Carvoeiro, vêem-se os vestígios de uma

grande povoação, cercada de uma linha de defesa dupla, que precisamente se pode determinar pêlos restos das muralhas que ainda existem.

Cercavam estas uma grande área dê terreno, aparecendo neste, na encosta e no alto do monte, restos bem visíveis de paredes de casas, algumas circulares, a maior parte cobertas de terra e pedra solta.

Na encosta nascente, dentro da circunvalação e ainda nesta freguesia, conserva-se uma lage, cavada largamente, vendo-se nela uma pequena cavidade mais funda quase ao centro e em volta daquela concavidade vários regos e sulcos na pedra, convergindo todos a uma espécie de bica; era esta pedra, segundo dizem, uma ara de sacrifícios das antigas religiões.

No pendor sudoeste da montanha, já na freguesia de Carvoeiro, existe um outro penedo com uma pequena cavidade, a que o povo chama a *Pegada da Moira*, e mais ao poente vê-se uma laje com duas cavidades a par, em forma de assentos ou cadeiras.

A sua parte inferior, destinada talvez a apoiar os pés quando assentados, acha-se marretada e em parte destruída.

O povo atribui todos os monumentos de épocas afastadas aos mouros e julga na sua eterna ingenuidade que foi debaixo deles que estes esconderam os seus tesouros, quando da sua expulsão pelos cristãos. Daí os ambiciosos de riquezas, que sempre os houve, revolverem o solo e destruírem as obras legadas pêlos povos primitivos nossos antepassados.

Foi com certeza o que se deu com os tais assentos a que acabamos de nos referir.

E eis o que resta daquela antiga povoação que, segundo dizem, se chamou *cidade de Carbono*, do muito carvão que neste monte se fazia, a qual legou o seu nome

a Carvoeiro, havendo também quem lhe chame *Caramona*, que em espanhol quer dizer *Cara linda*.

Quanto ao seu verdadeiro nome não sabemos; quanto à sua existência e à sua importância ninguém pode duvidar, vendo os vestígios que dela ainda existem, a grande área circuitada pelas suas muralhas e a grande quantidade de pedra solta que ali existe envolta com terra.

Cá em baixo, já na planície, nas Giestas, apareceram há poucos anos vestígios de uma povoação romana: mós, tijolos, pesos e outros objectos de olaria, que o nosso prezado amigo Afonso Novais conserva cuidadosamente.

Nas Torrelhas, em uma escavação que ali se fez, apareceu um esqueleto humano que, dizem, era de um soldado francez, morto pelo povo quando as tropas de Lorges por aqui passaram no regresso de Ponte do Lima.